

## Deus e liberdade em Agostinho da Silva

*José Santiago Naud\**

Face ao fatal, e aceite minha inépcia filosófica, devo socorrer-me do lirismo e vou fixar-me numa trova de Agostinho da Silva, mais de uma vez ouvida nos anos 60, quando juntos palmilhávamos o campus da UnB, a universidade recém-fundada em Brasília. E o faço ainda com a mesma perplexidade tida à leitura de Francisco Sanches, na adolescência, quando o seu *Quod nihil scitur* balançava minhas certitudes aristotélicas e a passagem do Renascimento ao Barroco, na falência dos dogmas medievais, arrancavam-me as muletas sólidas da fé. Mas, com Agostinho, o pensamento ganha de novo o sopro primigênio e a dúvida, sob o influxo amoroso que “move o Sol e os outros astros”, dá lugar àquela reordenação cósmica de um universo misteriosamente decaído.

Vamos, então, à quadrinha:

“Mais que a teu Deus  
sê fiel ao que tu sejas de Fé  
talvez o Deus que te crias  
oculte o Deus que Deus é”

Temos nela, fundamentalmente, o princípio essencial do invisível divino e a liberdade que, no ativo exercício pedagógico do pensador, é condição inalienável da plenitude pessoal. Qualquer noção do Absoluto não pode ficar circunscrita às nossas limitações, mas reside profundamente na individuali-

---

\* Natural da região missioneira do Rio Grande do Sul, graduou-se em Clássicas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal, Porto Alegre. Professor no Colégio Estadual Júlio de Castilhos e primeiro diretor do Instituto Estadual do Livro, teve em 1958 o primeiro encontro com Agostinho da Silva, de quem publicou a primeira edição de *Um Fernando Pessoa*, nos Cadernos do Rio Grande. Professor pioneiro de Brasília em 1960, integrou o corpo docente fundador da UnB, reencontrando em 1962 o mestre, com quem trabalhou no Centro Brasileiro de Estudos Portugueses (CBEP). A partir de 1966, lecionou em Yale, UCLA e outras universidades norte-americanas ou europeias. Então foi contratado pelo Itamaraty para dirigir o CEB/Centro de Estudos Brasileiros, na América Latina (sucessivamente, Bolívia, Argentina, Panamá e México). Poeta e ensaísta, tem dezenas de títulos publicados. Aposentado pela UnB, em 1992, reside em Brasília.

dade que somos. E a criação dos mitos ou postulação dos dogmas nunca há de furtar-nos por ocultação à verdade transcendente. Tal dialética, menos de Hegel que de Platão, traz à baila Deus e a Liberdade, no implícito desvelamento da própria semântica. De um lado, o Ser, absoluto; do outro, o ofício livre e criador do homem, muito embora contingente. Assim dinamiza Agostinho, buscador infatigável do saber aureolado em beleza, o fecundo exercício da dúvida que, na demanda dimensional de tempo e espaço, esconde a verdade anterior a nós. Com isso, entre preexistente e existente, não furta ao mistério a sua fatia nem cega o fio da razão. Alcança o ponto de equilíbrio em que os contrários se completam; corpo e alma, mente e coração. Perfaz-se a totalidade em tamanho planetário, superior aos interesses globais ou a qualquer totalitarismo.

Já estamos então em condições de compreender o ponto fulcral da idéia de Deus para Agostinho da Silva. Em 1974, ele escreveu:

“Diz-me Frei G. H. que posso tranqüilamente continuar a pensar que Deus, simultaneamente, existe e não existe. Veria, então, Deus muito de acordo com uma idéia da física cosmológica de nossos dias, e não me serve para nada um Deus que não resista à ciência (...): ao tomar Deus conhecimento de si próprio, se vê, ou é, sujeito e objeto, Pai e Filho, com um intervalo imediato de tempo e de espaço, como me sucede a mim quando me vejo ao espelho (...); e isto, que só existe quando Deus existe e porque é Pai e Filho, sujeito e objeto, chamarei eu de Espírito Santo.”

Com a menção da Trindade, cristã no caso, que, para um ser ecumênico como ele, não exclui a Trimurti hindu nem o número presente no esoterismo ou religiões primitivas, fé e ciência se harmonizam. Conseqüentemente, o homem logra alcançar a unidade na diversidade e toca de universal o nacional. Nesta altura põe-se a questão da liberdade, não apenas transparente na sua teoria, quanto exercida plenamente ao longo de sua vida fecunda, com devoção e destemor. Entendo que, literalmente, o enlace esclareça o oxímoro contido no verso pessoano: “O mito é o nada que é tudo”, tanto quanto sua atenção prestada à etnografia, com realce para as Festas do Espírito Santo, culto do Divino. O paradoxo magistral de Agostinho nos ilumina em textos onde ele versa a mensagem universal e labiríntica do Pessoa e a tradição nacional e salvífica da História portuguesa, aberta à mutação. Isso fica evidente nas menções feitas ao movimento da filosofia portuguesa, quando lembra o Caeiro do “há metafísica bastante em não pensar em nada” ou do VIII Poema d’O *Guardador*

*de Rebanhos*, e distingue o Espinosa que por não poder nascer na sua pátria foi falar noutras paragens o latim, espanhol ou neerlandês.

Quanto à tradição popular, desde Ourique aos 25 de Abril, na crista do Quinto Império seu pensamento e agir são libertários. Segundo se me afigura, norteou-lhe sempre o proceder a identidade e a coerência jamais truncadas. O indivíduo reflexo do povo, e o povo sustentação do individual. Neste sentido, noto que um valor pentagramático constela a sua personalidade e cifra substancialmente estas referências: 1 - Cister e a aceitação da mudança; 2 - os cavaleiros-monges e sua ação templária na demanda do Graal; 3 - o Espírito Santo e seu apelo ecumênico; 4 - a fraternidade e a pobreza franciscana; 5 - o Quinto Império e o Encoberto, com a reconstrução do mundo degradado ou concerto do anti-sistema em vigência. E será o professor Joaquim Domingues, desde a Braga milenarmente sagrada, quem melhor poderia comprovar-me, com seu livro publicado há quatro anos, o nexos feliz entre Agostinho da Silva, Deus e a Liberdade:

“Convicto de que tudo começa e se decide na liberdade e na responsabilidade de cada pessoa singular, por mais de uma vez lembra as virtudes conventuais e militares, ao pensar numa organização de homens livres, cujo melhor modelo terá sido o das ordens de cavalaria, em que a disciplina consentida na ação se articula à comunhão vivida na fé e à pobreza partilhada e sublimada na castidade. A solução está, pois, no aperfeiçoamento individual, segundo um modelo que contempla a integralidade da pessoa, mas que atinge o máximo grau de eficácia quando integrado em livres formas de associação fraterna.”

Para concluir, eu que tive a graça de freqüentá-lo na contemplação jubilosa do convívio, posso avaliar a luz que ele sempre irradiou, como gente ou intelectual. E o evoco sem saudades porque, segundo as “sagezas” de João Guimarães Rosa, Agostinho foi, era e é da estirpe daqueles que não morrem. Só ficam encantados. Não padeci nunca a sua falta. E o evoco pedagogo; na raiz, “o que conduz a criança”. Pois, transitou à vontade, de Sanderson a Summer Hill, passando por Sérgio (de Verney ou *Seara Nova*), Montessori e Piaget. Porém, mais do que a escola formal, luzia-lhe o fogo do divino, com o Espírito Santo. Foi, de feito e de fato, Senhor da Utopia. Nem se lhe aponha na frente a marca do anarquismo ou se busque na obra o vôo abissal de místicos, cilícios de ascese. Bom navegante a exemplo dos ancestrais, sorteava os parciais das constituições ou dos atos institucionais e não ficou jamais em cima do muro. Ao invés, trilhava o Caminho da Serpente. Melhor português, poeta à solta,

sua “escolástica platônica”, com todo o respeito a Ignácio de Loyola. Teresa de Ávila ou São João da Cruz, achou sempre o jeito de orar em sua orada. De certo, mais que ao Crucificado, ao Menino Jesus.

Por tanto, valha pedir vênua para adentrar o seu mundo com o espírito do futuro, a fim de que se edifique como ele quis “o reinado da criança e a sacralização dos animais e de tudo o resto”.

## Resumo

Relativamente a Deus, o pensamento de Agostinho da Silva não se circunscreve ao dogma nem ao niilismo racionalista, mas centra-se no sopro cósmico e no criativo imaginário humano. Eis uma noção do absoluto consubstancial à divindade. Assim, a relação existente/não-existente ou visível/invisível não furta ao mistério a sua fatia nem cega o fio da razão. Essa dialética, menos hegeliana que platônica, põe a questão de Deus e Liberdade desvelando a semântica. A generosa complexidade de suas noções informa o exercício da pedagogia fecunda que distingue o autor entre os melhores pensadores da filosofia portuguesa, repleta de inteligência criativa e comportamento ético. Será a conjunção perfeita entre a cosmologia e as intuições da fé, que na força do Amor, segundo Dante, “move o Sol e as outras estrelas”; confirma-o sua própria visão do futuro, “o reinado da criança e a sacralização dos animais e de todo o resto”.

**Palavras-chave:** Dogma; Cosmos; Dialética; Criança; Pedagogia.

## Abstract

In regard to God, Agostinho's thought is not confined to dogmas or to nihilistic rationalism, but rather inhabits the cosmic blast and man's creative imagination. It is a notion of the absolute consubstantial to divinity. Therefore, the relation existing/non-existing or visible/invisible does not avoid mystery nor does it blind the edge of reason. This dialectic, more Platonic than Hegelian, poses the question of God and Liberty unveiling semantics. The generous complexity of his concepts informs the exercise of fecund pedagogy that distinguishes the author among the best thinkers of Portuguese philosophy, full of creative intelligence and ethical behavior. It will be the perfect conjunction between cosmology and the intuitions of faith, which, powered by Love, according to Dante, “moves the sun and the other stars”. This is confirmed by his own vision of the future: “the children's reign and the sacralization of the beasts and all things”.

**Keywords:** Dogma; Cosmos; Dialectic; Childhood; Pedagogy.